

REGO, José Lins do. *Eurídice*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.
284 p.

Estou talvez habituado demais à sabedoria dos romancistas europeus que se valeram dos ensinamentos da psicanálise e o fizeram com grande perícia e excepcional cuidado da verdade científica, para não me sentir um pouco decepcionado com o último livro de José Lins do Rego (*Eurídice*), a tentativa de renovação do escritor nordestino, mas a tarefa era árdua, dada a possibilidade de um paralelo com as produções da literatura universal em que esse método tem sido ultimamente empregado com excesso. Exigente de sólida cultura psicológica e, por conseguinte, também filosófica, o romance psicanalítico chegou na Europa como um aprofundamento do romance psicológico que já alcançara o apogeu nos mergulhos analíticos, de Proust. Por outro lado, numa sociedade doente, traumatizada por várias guerras, o novo método se apresentava como indispensável à compreensão em profundidade de contradições que a psicologia clássica não podia explicar. Entre nós, entretanto, o romance de análise não dera ainda o que podia dar e o que teria talvez dado se não tivéssemos saltado essa etapa para nos jogarmos, em virtude dos movimentos político-sociais, no romance sociológico, e no romance de tese. Houve, assim, uma solução de continuidade na evolução da técnica do nosso romance, da qual decorreram um enriquecimento poético e um empobrecimento artístico e literário. Não há negar que desde algum tempo se vem observando, principalmente entre os mais jovens (estou pensando em Clarice Lispector, Lúcio Cardoso, Fernando Sabino, Adonias Filho, Julieta Drummond de Andrade) uma reação interessante contra o realismo, ou o pseu-

do-realismo do romance dos homens da geração de 30. Nenhum dos romancistas acatados (salvo Graciliano Ramos) havia tentado, porém, sair da contemplação de seu pequeno mundo provinciano, de sabor folclórico às vezes, rico não raro de caracteres regionais e mesmo nacionais, nunca entretanto muito pródigo de problemas humanos universais. Por isso mesmo, saber contar era qualidade bastante para tornar célebre um escritor. Não se pedia ao romancista um processo de aproximação psicológica requintado, nem se lhe solicitava uma grande cultura geral. O romance era uma espécie de poema em prosa, o mais das vezes um ABC em que abundavam as emoções, o que tornava prescindíveis se não impossíveis, as análises tanto quanto as arquiteturas demasiado complexas.

José Lins do Rego lança-se agora, após ter assumido a liderança do romance de narrativa direta, na aventura da ficção com alicerce cultural e técnica sutil. Seu novo livro resente-se da mudança repentina de rumo, sem uma preparação adequada. Em suma, saído do caso concreto de simples observação, viu-se o romancista forçado a resolver dois problemas: um psicológico, a que foi dada solução algo esquemática, e outro de transplantação de ambiente, do Nordeste para o Rio, que me parece ter sido bem compreendido.

A análise psicanalítica é sumária, rudimentar mesmo, já pela explanação insuficiente do processo de fixação do complexo de Édipo, que constitui o motivo central do livro, já pelo tratamento das personagens em geral e das personagens femininas em especial.

Apesar de algumas incoerências, como por exemplo o fato de vir ao mundo "numa casa de comerciante de papelaria que a má sorte reduzira quase à miséria" e de repente, sem que nada tenha ocorrido, se ver dono de casas em Niterói e apólices que "pelo que dizia Laura (eram) uma fortuna", Júlio, o herói, é uma figura viva na sua angústia patológica, na obsessão que o leva ao assassinio. Da mesma forma o velho Campos, com suas gabolices, sua elegância cuidada demais, seu linguajar boêmio, sua moral característica, retrata bem uma fauna quase extinta, que todos conhecemos e era preciso fixar. Menos expressivo nos poucos traços do desenho é Faria, estudante integralista, e mais impreciso ainda Jaime, o revolucionário.

As mulheres, com exceção de D. Olegária e da dona da pensão, são inconsistentes ou mal compreendidas. Noêmia, distante de nós, vive uma tragédia sem relevo. Isidora, a irmã, que deveria ressaltar recortada sobre o fundo angustiante do drama, não passa de um fantasma, o que também ocorre com a mãe do herói. Quanto a Eurídice, a fixação do complexo, se por um lado se apresenta suficientemente vaga para que permaneça um símbolo e não uma criatura de carne e osso, por outro vem eivada de pormenores realistas nem sempre muito felizes.

Essa mulher apaixonada por Faria entrega-se sem a menor resistência a Júlio, num momento de decepção, para depois voltar a tornar-se inacessível e distanciar-se dele em sucessivas fugas que são, na realidade, soluções masculinas e não femininas. Quanto ao estilo, José Lins do Rego tem escrito coisas melhores. A grande simplicidade que procurou atingir, à maneira de um Graciliano Ramos, não foi sempre alcançada. Em certos trechos, os melhores aliás, voltou ao pitoresco. Noutros caiu na vulgaridade de descrições e anotações que não se compreendem em personagem de sensibilidade patológica como Júlio. Assim, quando descreve o noivo de Isidora, seu rival, e seu maior ódio, apenas encontra frases como estas: "Isidora gostava, ia casar-se porque gostava mesmo daquele homem magro". . . "o mesmo homem tímido e triste, que continuava a olhar para Isidora com seus olhos medrosos e vagos". . . "os olhos miúdos do noivo, aquela alegria de besta, me alucinavam". . . etc., frases que além de incoiores, se contradizem muitas vezes.

Com todos esses defeitos, o livro lê-se do princípio ao fim com interesse. É que José Lins do Rego, como Jorge Amado, e sem o desagradável pecado da "orientação" ideológica, sabe contar, sabe dosar a emoção de modo a preocupar o leitor, a manter viva a curiosidade pela anedota. O partido que tira das menores ocorrências é espantoso e, com uma intuição admirável, consegue, em poucas linhas, esboçar um quadro sugestivo que vale a mais profunda análise. Veja-se o fim de Eurídice, a cena do assassinio: "E procurei a boca que fugia, que gritava, e aos poucos tudo foi ficando em silêncio pesado. As minhas mãos largaram o pescoço quente de Eurídice. E ela estava estendida como na minha cama. O corpo quase nu na terra fria. E não senti mais nenhum cheiro de seu corpo". Uma poesia forte, ainda que rudimentar na sua essência, e sem matizes, domina o texto sóbrio, limpo desse fim de tragédia. A última anotação principalmente é cheia de sentido, marcando, como marca, a libertação do recalque. O complexo incestuoso que não pôde ser sublimado no amor por Eurídice, encontra sua solução na eliminação do objeto da transferência, o que acarreta a punição procurada inconscientemente, a autopunição necessária.

É possível que o autor de Eurídice não tenha desejado escrever um romance psicanalítico propriamente dito, mas tão-somente valer-se de um tema curioso e perturbador que lhe permitisse contar sem se repetir. Entregava dessa maneira, humildemente, um caso digno de interpretação ao psicólogo e não chocava os seus leitores com uma literatura "huxleyana", pelo menos inesperada em quem soube durante tantos anos explorar o campo dos sentimentos primários e das histórias simples. Não posso avaliar com exatidão as intenções do romancista. Daí a timidez de minha apreciação.

Como quer que seja, *Eurídice* será discutidíssima. Haverá quem considere

a obra um malogro e quem a julgue uma obra-prima. Bem pesados os defeitos e as qualidades, acho que, sem lhe prejudicar a fama, nada acrescenta a sua produção. Continuo a preferir *Fogo Morto* a mais bela de suas realizações, *Pedra Bonita*, documento sociológico notável, e *Menino de Engenho*, livro de incomparável vivacidade e poesia.

SÉRGIO MILLIET

(O Estado de S. Paulo, 25 de set. 1947)